

NICOLAS POUSSIN

"AUTORRETRATO"

25 OUTUBRO 2022 – 15 JANEIRO 2023

NICOLAS POUSSIN (1594-1665) pode ser considerado como o maior pintor francês, embora tenha passado quase quarenta anos em Roma, onde se instalou em 1624, com a idade de 30 anos. Poussin conseguiu impor-se neste meio artístico muito competitivo, onde os melhores pintores de toda a Europa vinham formar-se e rivalizar, e aí obteve, nomeadamente, a encomenda de um grande quadro de altar para a basílica de São Pedro, em Fevereiro de 1628 (*Martírio de Santo Erasmo*, pinacoteca do Vaticano). Informado da fama crescente do artista, Luís XIII e o seu principal ministro, o cardeal de Richelieu, pediram-lhe para voltar para França e ocupar o lugar de Primeiro pintor do rei. Poussin apenas se demorou dois anos em Paris, entre 1640 e 1642. De facto, suportava mal as intrigas, as baixeiras e os ciúmes que a sua posição eminente suscitava. De acordo com os preceitos da filosofia estoica que tinha adotado, mais do que dirigir vastos estaleiros decorativos nas residências régias, o pintor preferia manter-se à distância, como espectador, e pintar quadros de pequeno formato, de uma subtil poesia e grande profundidade filosófica. Em 1642, arranjou então um pretexto para voltar para Roma, onde permaneceu até à sua morte, em 1665.

Em 1647, cinco anos após o seu regresso a Roma, dois dos seus mais próximos amigos, Paul Fréart de Chantelou e Jean Pointel, pediram-lhe um autorretrato cada um como testemunho de uma amizade fiel mas também para enriquecerem as respetivas coleções, que incluíam várias obras-primas de Poussin. O artista hesitou longamente porque não gostava de pintar retratos, pensando até em confiar a tarefa a outro pintor. Por fim decidiu aceitar, escrevendo a Chantelou que lhe reservava o autorretrato mais conseguido, aquele em que estava mais parecido: esse quadro, datado de 1650, é o do Louvre (o *Autorretrato* enviado a Pointel tinha sido pintado seis meses antes, ainda em 1649, e conserva-se atualmente na Gemäldegalerie de Berlim).

No *Autorretrato* do Louvre, Poussin representa-se de uma forma austera, vestido com um



Nicolas Poussin (Les Andelys, 1594 - Roma, 1665)

Autorretrato

1650, assinado e datado

Inscrição: EFFIGIES NICOLAI POUSSINI ANDELYENSIS
PICTORIS. ANNO AETATIS. 56. ROMAE ANNO
JUBILEI 1650 [Retrato de Nicolas Poussin, pintor
de Andelys, de 56 anos de idade. Roma, ano jubilar 1650]

Óleo sobre tela

98 × 74 cm

Paris, musée du Louvre, inv. 7302

casaco antracite e uma capa negra. A expressão é severa, impassível, impenetrável. O artista aparece figurado a três-quartos com o rosto de frente e o olhar fixado no espectador. Tem a mão pousada sobre um maço de papel enrolado e com um atilho vermelho, sem dúvida uma alusão às cartas trocadas com Chantelou, correspondência que se prolongou durante quase trinta anos. Poussin tem no anelar da mão direita (na verdade a mão esquerda, porque o *Autorretrato* foi pintado à frente de um espelho) um anel com

um diamante de forma piramidal, um símbolo estóico de força e constância. O artista sublinha assim, simbolicamente, a sua firmeza de alma e a fidelidade da sua amizade por Chantelou. Sobretudo, representa-se enquanto pintor, diante de quatro quadros emoldurados: à direita, uma tela tem a inscrição latina com o seu nome a sua idade, 56 anos, a menção da sua cidade natal, Andelys, na Normandia, e a data de 1650; uma outra tela, à esquerda, de que só se vê uma parte, mostra uma mulher acolhida por dois braços estendidos com um diadema na cabeça, decorado com um olho. É uma alegoria da Pintura. As duas mãos que a cingem representam o «amor pela pintura e a amizade pelo destinatário do quadro», segundo o biógrafo de Poussin, Giovanni Pietro Bellori. Criada tanto pelo espírito como pela mão, é uma pintura filosófica, como se pode deduzir pelo olho do diadema, que orna o rosto da alegoria, olho do espírito que deve completar e superar o olho corpóreo, que recebe a sensação visual.

Foi, assim, como pintor-filósofo, que Poussin se quis representar. Deve ser notada a sombra do pintor que se desenha sobre a tela, à direita, acima da inscrição onde figura o nome do artista, como uma manifestação de vaidade.

Após a sua morte, Poussin tornou-se o modelo absoluto da tradição clássica ensinada na academia real de pintura e escultura de Paris, sob

a autoridade de Charles le Brun. O rei Luís XIV conseguiu adquirir mais de trinta quadros de Poussin que foram apresentados nos apartamentos do palácio de Versalhes. No entanto, o *Autorretrato* de Poussin, que permaneceu na família de Chantelou, só foi comprado pelo museu do Louvre em 1797. Pela sua composição muito rigorosa, cuidadosamente definida pelas linhas horizontais e verticais das molduras douradas, sóbrias como Poussin apreciava, mas também pela nobre figura do artista, fascinou muitos pintores: Joshua Reynolds inspirou-se nele para o seu próprio *Autorretrato*, pintado cerca de 1776 (National Trust); Ingres e Seurat executaram alguns estudos a partir da obra.

O *Autorretrato* é, antes do mais, um testemunho comovente de amizade; e tornou-se, também, a imagem emblemática do génio austero e exigente.

NICOLAS MILOVANOVIC
Conservador-chefe do musée du Louvre

Evento organizado no âmbito da Temporada Portugal-França 2022



Comité de Mecenas da Temporada Portugal-França 2022



Exposição organizada por



Apoio